elefante
EDITORA

**CONSELHO EDITORIAL**
Bianca Oliveira
João Peres
Tadeu Breda

**EDIÇÃO**
Tadeu Breda

**ASSISTÊNCIA DE EDIÇÃO**
Luiza Brandino

**PREPARAÇÃO**
Natalia Engler
Daniela Fernandes Alarcon

**REVISÃO**
Laura Massunari
Tomoe Moroizumi

**PROJETO GRÁFICO**
Leticia Quintilhano

**ILUSTRAÇÃO DA CAPA & DIAGRAMAÇÃO**
Denise Matsumoto

**CAPA & DIREÇÃO DE ARTE**
Bianca Oliveira

**PRODUÇÃO DIGITAL**
Cristiane | Saavedra Edições

Material com direitos autorais

a primeira carta de amor que escrevi foi para você, assim como este livro foi escrito para falar com você. anthony, você tem sido meu ouvinte mais íntimo. sempre vou te amar.

em a canção de solomon, há um trecho que diz: “encontrei aquele que minha alma ama. me abracei a ele e não o deixarei ir”. persistir, conhecer novamente aquele momento de arrebatamento, de reconhecimento, em que podemos encarar um ao outro como realmente somos, despidos de artifícios e fingimentos, nus e sem inibições.

Material com direitos autorais

# SUMÁRIO


Capa

Créditos

Folha de rosto

Prefácio à edição brasileira

A prática do amor como potência para a construção de uma nova sociedade

Prefácio

Introdução graça: tocada pelo amor

01. Clareza: pôr o amor em palavras

02. Justiça: lições de amor na infância

03. Honestidade: seja verdadeira com o amor

04. Compromisso: que o amor seja o amor-próprio

05. Espiritualidade: o amor divino

06. Valores: viver segundo uma ética amorosa

07. Ganância: simplesmente ame

08. Comunidade: uma comunhão amorosa

09. Reciprocidade: o coração do amor

10. Romance: o doce amor

11. Perda: amar na vida e na morte

12. Cura: o amor redentor

13. Destino: quando os anjos falam de amor

Bibliografia selecionada

Sobre a autora


Material com direitos autorais

# Ficha

Material com direitos autorais

Material com direitos autorais

# prefácio à edição brasileira

Material com direitos autorais

# A prática do amor como potência para a construção de uma nova sociedade

Silvane Silva

Escrever este prefácio em meio à pandemia de covid-19, vivendo em isolamento social há quase quatro meses, foi um exercício ao mesmo tempo doloroso e libertador. Em certa altura de *Tudo sobre o amor*, bell hooks diz que, se não pudéssemos fazer mais nada, se por algum motivo a leitura fosse a única atividade possível, isso seria suficiente para fazer a vida valer a pena, porque os livros podem ter uma função terapêutica e transformadora. Particularmente, não tenho dúvidas a respeito disso, pois a leitura sempre teve esse importante papel em minha vida. Alguns textos nos fazem reviver memórias impressas em nosso corpo e espírito e, dessa maneira, têm o poder de nos transformar e curar.

Em uma sociedade que considera falar de amor algo *naïf*, a proposta apresentada por bell hooks ao escrever sobre o tema é corajosa e desafiadora. E o desafio é colocarmos o amor na centralidade da vida. Ao afirmar que começou a pensar e a escrever sobre o amor quando encontrou "cinismo em lugar de esperança nas vozes de jovens e velhos", e que o cinismo é a maior barreira que pode existir diante do amor, porque ele intensifica nossas dúvidas e nos paralisa, bell hooks faz a defesa da prática transformadora do amor, que manda embora o medo e liberta nossa alma. Assim, ela nos convoca a regressar ao amor. Se o desamor é a ordem do dia no mundo contemporâneo, falar de amor pode ser revolucionário. Para compreendermos a proposta da autora e a profundidade de suas reflexões, o primeiro passo deve ser abandonar a ideia de que o amor é apenas um sentimento e passar a entendê-lo como ética de vida. É sabido que bell hooks evidencia em toda a sua obra que o pessoal é político, e este também será o caminho trilhado por ela neste livro, pontuando o quanto nossas ações pessoais relacionadas ao amor implicam uma postura perante o mundo e uma forma de inserção na sociedade. Ou seja: o amor não tem nada a ver com fraqueza ou irracionalidade, como se costuma pensar. Ao contrário, significa

Material com direitos autorais

potência: anuncia a possibilidade de rompermos o ciclo de perpetuação de dores e violências para caminharmos rumo a uma "sociedade amorosa".

*Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, publicado nos Estados Unidos no ano 2000, é o primeiro livro da chamada Trilogia do Amor, seguido de *Salvação: pessoas negras e amor*, de 2001, e *Comunhão: a busca feminina pelo amor*, de 2002. bell hooks é o tipo de pensadora que, quando atraída por um assunto, tende a esmiuçá-lo, observá-lo por todos os ângulos e explorá-lo por completo. Se ao longo de toda a sua obra o tema do amor aparece, em diversos momentos, como algo que tem um lugar significativo para nossa vida e cultura, é na Trilogia do Amor que a autora nos apresenta suas teses sobre o amor e, mais do que isso, nos oferece lições práticas de como agir.

Ao descrever as maneiras pelas quais homens e mulheres em geral, e pessoas negras em particular, desenvolvem sua capacidade de amar dentro de uma cultura patriarcal, racista e niilista, bell hooks relaciona sua teoria do amor com os principais problemas da sociedade. Apesar de falar a partir da sociedade estadunidense, suas reflexões servem para nós brasileiros, já que também somos um país que sofre dos males que a autora tanto procura ver superados: racismo, sexismo, homofobia, imperialismo e exploração.

Seguindo os passos de pessoas que ofereceram o amor como arma poderosa de luta e de transformação da sociedade, como Martin Luther King Jr., por exemplo, bell hooks reposiciona o amor como uma força capaz de transformar todas as esferas da vida: a política, a religião, o local de trabalho, o ambiente doméstico e as relações íntimas. Aprofundando as ideias trazidas por Cornel West referentes às "políticas de conversão" para tratar o niilismo presente na sociedade, hooks coloca a ética do amor no centro dessas políticas. E, nessa perspectiva, compreende que o pessoal sobrevive por meio da ligação com o coletivo: é o poder de se autoagenciar (*self-agency*) em meio ao caos e determinar o autoagenciamento coletivo.

*Tudo sobre o amor: novas perspectivas* procura mostrar como somos ensinados desde a infância a ter suposições equivocadas e falsas em relação ao amor e ressalta o quanto nossa sociedade não considera a importância e a necessidade de aprendermos a amar.

Material com direitos autorais

Tendemos a acreditar que já nascemos com esse conhecimento, mas bell hooks demonstra que o amor não está dado: ele é construção cotidiana, que só assumirá sentido na ação — o que significa dizer que precisamos encontrar a definição de amor e aprender a praticá-lo.

Em "Clareza: pôr o amor em palavras", primeiro capítulo deste livro, bell hooks afirma que em nossa sociedade o amor costuma servir para nomear tudo, pulverizando seu significado. Nessa confusão em relação ao que queremos dizer quando usamos a palavra "amor" está a origem da nossa dificuldade de amar. Por isso, saber nomear o que é o amor é a condição para que ele exista. Se os dicionários tendem a enfatizar a definição dada ao amor romântico, bell hooks nos mostra que o amor é muito mais que uma "afeição profunda por uma pessoa". A melhor definição de amor é aquela que nos faz pensar o amor como ação — conforme diz o psiquiatra M. Scoot Peck, trata-se da "vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa". Nota-se que o espiritual aqui não está vinculado à religião, mas a uma força vital presente em cada indivíduo. Nesse sentido, a afeição seria apenas um dos componentes do amor. Para amar verdadeiramente devemos aprender a misturar vários ingredientes: carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta. Uma das contribuições fundamentais trazidas por bell hooks é nos fazer pensar que são as ações que constroem os sentimentos. Dessa maneira, ao pensar o amor como ação, nos vemos obrigados a assumir a responsabilidade e o comprometimento com esse aprendizado.

O segundo capítulo, "Justiça: lições de amor na infância", demonstra que o impacto do patriarcado e a forma da dominação masculina sobre mulheres e crianças são barreiras para o amor, algo pouco presente na bibliografia sobre o tema. Nós aprendemos sobre o amor na infância, e quer nossa família seja chamada funcional ou disfuncional, sejam nossos lares felizes ou não, são eles as nossas primeiras escolas de amor. Neste capítulo, bell hooks levanta a importante discussão sobre a necessidade de valorizar, respeitar e assegurar os direitos civis básicos das crianças. Caso contrário, a maioria delas não conhecerá o amor, tendo em vista que não existe amor sem justiça. Nesse ponto, a autora demonstra

Material com direitos autorais

o quanto o lar da família nuclear é uma esfera institucionalizada de poder que pode ser facilmente autocrática e fascista. Dessa maneira, continua ela, se queremos uma sociedade eticamente amorosa, precisamos desmascarar o mito de que abuso e negligência podem coexistir com amor. Onde há abuso, a prática amorosa fracassou. Não se pode concordar que a punição severa seja uma forma aceitável de se relacionar com as crianças. "O amor é o que o amor faz", e é nossa responsabilidade dar amor às crianças, reconhecendo que elas não são propriedades e têm direitos que nós precisamos garantir.

No terceiro capítulo, "Honestidade: seja verdadeira com o amor", bell hooks afirma que a verdade é o coração da justiça. Somos ensinados desde a infância que não devemos mentir, que devemos jogar limpo. Entretanto, na prática, quem diz a verdade normalmente é punido, reforçando a ideia de que mentir é melhor. Homens mentem para agradar às mães e depois às mulheres. Mentir e se dar bem é um traço da masculinidade patriarcal. Meninos e homens são encorajados a todo momento a fazer o que for preciso para manter sua posição de controle. Por sua vez, as mulheres também mentem para os homens como forma de agradar e manipular. Vivemos em uma sociedade em que a cultura do consumo também encoraja a mentira. A publicidade é um dos maiores exemplos disso. As mentiras impulsionam o mundo da publicidade predatória e o desamor é bênção para o consumismo. Além disso, manter as pessoas em um estado constante de escassez fortalece a economia de mercado. Dessa maneira, hooks enfatiza que a tarefa de sermos amorosos e construirmos uma sociedade amorosa implica reafirmar o valor de dizer a verdade e, portanto, estarmos dispostos a ouvir as verdades uns dos outros. A confiança é o fundamento da intimidade.

Partindo do pressuposto de que não é fácil amar a si mesmo, no quarto capítulo, "Compromisso: que o amor seja amor-próprio", bell hooks nos ensina que, quando somos positivos, não só aceitamos e afirmamos quem somos mas também somos capazes de afirmar e aceitar os outros. E o movimento feminista ajudou as mulheres a compreender o poder pessoal que se adquire com uma autoafirmação positiva. Quando temos de fazer um trabalho que odiamos, por exemplo, isso ataca a nossa autoestima e autoconfiança. O trabalho, quando percebido como um fardo, por

Material com direitos autorais

se realizar em empregos ruins em vez de aprimorar a autoestima, deprime o espírito. Como lidar com essa questão se a maioria de nós não pode fazer o trabalho que ama? Um dos modos de experimentar satisfação seria nos comprometermos totalmente com o trabalho a ser realizado, seja ele qual for. Trazer o amor para o ambiente laboral pode criar a transformação necessária para tornar qualquer trabalho que façamos um meio de expressarmos o nosso melhor. Quando trabalhamos com amor, renovamos nosso espírito, e essa renovação é um ato de amor-próprio que alimenta nosso crescimento. E não devemos confundir amor-próprio com egoísmo ou egocentrismo. O amor-próprio é a base de nossa prática amorosa, pois, ao dar amor a nós mesmos, concedemos ao nosso ser interior a oportunidade de ter amor incondicional. É o amor-próprio que garante que nossos esforços amorosos com as outras pessoas não falhem.

No quinto capítulo, "Espiritualidade: o amor divino", hooks chama a atenção para o fato de que a crise na vida estadunidense não poderia ser causada por falta de interesse na espiritualidade, tendo em vista que a imensa maioria das pessoas diz seguir alguma religião. Isso indicaria que a vida espiritual é algo importante nessa sociedade. No entanto, esse interesse é cooptado pelas forças do materialismo e do consumismo hedonista, traduzido na lógica do "compro, logo sou". A religião "organizada" falhou em satisfazer a "fome espiritual", e as pessoas procuram preencher esse vazio com o consumismo. A autora questiona: "Imagine como nossa vida seria diferente se todos os indivíduos que se dizem cristãos, ou que alegam serem religiosos, servissem de exemplo para todos, sendo amorosos". A atualidade desse questionamento para o Brasil de hoje é desconcertante, tendo em vista os milhões de ditos "cristãos" que, ao invés de amar o próximo como a si mesmos, destilam ódio e preconceito.

"Valores: viver segundo uma ética amorosa" é o título do capítulo 6, no qual bell hooks reforça que o despertar para o amor só pode acontecer se nos desapegarmos da obsessão por poder e domínio. Para nos tornarmos pessoas mais alegres e mais realizadas, precisamos adotar uma ética amorosa, pois nossa alma sente quando agimos de maneira antiética, rebaixando o nosso espírito e desumanizando os outros. Viver dentro de uma ética amorosa é uma escolha de se conectar com o outro. Isso significa,

Material com direitos autorais

por exemplo, se solidarizar com pessoas que vivem sob o jugo de governos fascistas, mesmo estando em um país democrático. Neste ponto, hooks retoma a afirmação de Cornel West de que uma "política de conversão" restaura a sensação de esperança. E reafirma que abraçar a ética amorosa significa inserir todas as dimensões do amor — "cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento" — em nossa vida cotidiana.

"Ganância: simplesmente ame", o sétimo capítulo do livro, demonstra que o isolamento e a solidão são as causas centrais da depressão e do desespero. O materialismo cria um mundo de narcisismo no qual consumir é a coisa mais importante. Nessa reflexão, a autora analisa como a participação ativa dos Estados Unidos em guerras globais colocou em questão o compromisso desse país com a democracia, sacrificando a visão de liberdade, amor e justiça em nome do materialismo e do dinheiro. Ela aborda também o desespero que tomou conta das pessoas quando líderes que lutavam pela paz e pela justiça foram assassinados, no final da década de 1960. Nesse momento, as pessoas perderam a conexão com a comunidade, e a atenção voltou-se para a ideia de ganhar dinheiro, o máximo possível. Os líderes passaram a ser os ricos e os famosos, as estrelas do cinema e da música. As igrejas e os templos, que antes eram espaços de reunião da comunidade, com o advento da teologia da prosperidade, tornaram-se lugares onde a ética materialista é respaldada e racionalizada. O que vale a partir de então é a cultura do consumo desenfreado. Pessoas também são tratadas como objetos e são esses os valores que passam a orientar as atitudes em relação ao amor. Isso se reflete também nas políticas públicas, como no fato de os Estados Unidos serem um dos países mais ricos do mundo e não possuírem um sistema universal de saúde que possa oferecer serviços aos menos favorecidos. Dessa maneira, bell hooks convida as pessoas à escolha de viver com simplicidade. Isso necessariamente intensifica a nossa capacidade de amar, nos ensina a praticar a compaixão e afirma nossa conexão com a comunidade.

O oitavo capítulo, "Comunidade: uma comunhão amorosa", afirma, conforme as palavras de M. Scott Peck, que "nas comunidades e por meio delas reside a salvação do mundo". Para desenvolver suas reflexões sobre essa questão, bell hooks lembra

Material com direitos autorais

que o capitalismo e o patriarcado, juntos, como estrutura de dominação, produziram o afastamento das famílias nucleares de suas respectivas famílias estendidas. Por essa razão, aumentaram os abusos de poder no ambiente familiar, pois a família estendida é um lugar onde podemos aprender o poder da comunidade. Outra possibilidade importante dessa experiência de comunidade é a amizade, que para muitos é o primeiro contato com uma "comunidade carinhosa". hooks reforça que amar em amizades nos fortalece de tal maneira que nos permite levar esse amor para as interações familiares e românticas. E, embora seja comum afrouxarmos os laços de amizade quando criamos laços românticos, quanto mais verdadeiros forem nossos amores românticos, menos teremos de nos afastar das nossas amizades, pois "a confiança é a pulsação do verdadeiro amor". Ao nos engajarmos em uma prática amorosa, podemos estabelecer as bases para a construção de uma comunidade com desconhecidos. Esse amor que criamos em comunidade permanece conosco aonde quer que vamos, diz hooks.

"Reciprocidade: o coração do amor", o nono capítulo, se inicia com os dizeres: "O amor nos permite adentrar o paraíso". Para falar da construção amorosa entre casais, a autora parte dos equívocos ocorridos nos seus dois relacionamentos afetivos mais intensos, de um lado devido à falta de definição do que seria o amor e, de outro, pela confusão de esperar receber do companheiro o amor que não recebeu da família. Aponta que, mesmo em relacionamentos não heterossexuais, a tendência é o casal assumir uma lógica de que um dos parceiros deve sustentar o amor e o outro, apenas o seguir. Acrescenta ainda o fato de que as mulheres são encorajadas pelo pensamento patriarcal a acreditar que deveriam ser sempre amorosas, porém, isso não significa dizer que estão mais capacitadas do que os homens para fazer isso. Por essa razão, é comum que mulheres procurem livros de autoajuda para aprender a amar e manter o relacionamento. No entanto, grande parte desses livros normalizam o machismo e ensinam a manipular, a jogar um jogo de poder que nada tem a ver com o amor.

No décimo capítulo, "Romance: o doce amor", bell hooks afirma categoricamente que poucas pessoas entram num relacionamento romântico possuindo a capacidade de realmente receber amor. Isso porque criamos envolvimentos amorosos que estão condenados a repetir os nossos dramas familiares.

Material com direitos autorais

Comentando sobre o romance *O olho mais azul*, de Toni Morrison, ela diz que "a ideia de amor romântico é uma das ideias mais destrutivas na história do pensamento humano". Esse amor que se dá num "estalo", num "clique", que não necessita de construção e depende apenas de "química" atrapalha o nosso caminho para o amor. O amor é tanto uma intenção como uma ação. Nossa cultura valoriza demais o amor como fantasia ou mito, mas não faz o mesmo em relação à arte de amar. Ao não atingirem esse mito, as pessoas se decepcionam. No entanto, é preciso entender que essa decepção é pelo amor romântico não alcançado. O amor verdadeiro, quando buscado, nem sempre nos levará ao "felizes para sempre" e, mesmo se o fizer, é preciso que saibamos: amar dá trabalho, não é essa história perfeita e pronta dos contos de fadas.

Em "Perda: amar na vida e na morte", o décimo primeiro capítulo, a autora trata do medo coletivo da morte, apresentando-o como uma doença do coração para a qual a única cura é o amor. Da mesma maneira, somos incapazes de falar sobre a nossa necessidade de amar e sermos amados. Por medo de que nos vejam como fracos, raramente compartilhamos nossos pensamentos sobre a mortalidade e a perda. É isso que bell hooks nos convida a fazer.

O capítulo 12, "Cura: o amor redentor", nos leva a refletir sobre nossas dores, pois, ainda que tenham nos ensinado o contrário, sofrimentos desnecessários nos ferem. A escolha que temos é não permitir que tais sofrimentos nos deixem cicatrizes por toda a vida. O que faremos dessas marcas está em nossas mãos. O poder curativo da mente e do coração está sempre presente, e nós temos a capacidade de renovar nosso espírito e nossa alma. No entanto, é bastante difícil conseguirmos nos curar em isolamento: a cura é um ato de comunhão. bell hooks diz que precisamos conhecer a compaixão e nos envolver num processo de perdão para nos livrarmos de toda bagagem que carregamos e que impede a nossa cura. O perdão intensifica nossa capacidade de apoiarmos uns aos outros. Fazer as pazes com nós mesmos e com os outros é o presente que a compaixão e o perdão nos oferecem. A autora nos ensina que ser positivo e viver em um estado permanente de esperança renova o espírito e que, quando reavivamos nossa fé na promessa do amor, a esperança se torna nossa cúmplice.

Material com direitos autorais

O capítulo 13, "Destino: quando os anjos falam de amor", fecha o livro apresentando a relação de bell hooks com os anjos. Anjos são aqueles que trazem as notícias que darão alívio ao nosso coração. São os guardiães do bem-estar da alma. Revelam nosso desejo coletivo de regressar ao amor. A autora relata que as primeiras histórias de anjos lhe foram contadas ainda na infância, quando frequentava a igreja, onde aprendeu que os anjos eram consoladores sábios nos momentos de solidão. E, conforme foi crescendo, hooks passou a descobrir muitos anjos em seus autores preferidos, cujos livros permitem entender a vida com mais complexidade. Ela finaliza dizendo que, depois de tanto ficar sozinha, no escuro do quarto, agarrada à metafísica do amor, tentando entender seu mistério, pôde finalmente alcançar uma nova visão do amor. E a essa prática espiritual disciplinada ela chama de "prática de abrir o coração". Foi isso que desde então a levou a seguir o caminho do amor e a "falar cara a cara com os anjos".

Na teoria sobre o amor de bell hooks é possível perceber inspirações das igrejas cristãs negras do sul dos Estados Unidos e também da filosofia budista, especialmente com base no mestre zen vietnamita Thich Nhat Hanh, cuja atuação disseminou o conceito de "budismo engajado", que diz respeito a somar a observação dos preceitos básicos do budismo com uma prática cotidiana socialmente comprometida. Ao lermos *Tudo sobre o amor*, podemos encontrar também diversos pontos de contato com as ideias trazidas pela filósofa burquinense Sobonfu Somé, em seu livro *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*, sobretudo no que se refere ao conceito de comunidade. Nesse sentido, ao propor que as transformações desejadas para a sociedade ocorram por meio da prática do amor, bell hooks nos afasta dos paradigmas eurocêntricos e coloniais que construíram a sociedade ocidental, baseada em exploração, injustiça, racismo e sexismo, e (re)direciona o nosso pensamento e a nossa prática rumo à ancestralidade.

A tradução deste livro, trazendo a ideia do amor como transformação política, chega num momento muito oportuno e necessário. Por aqui, essa semente já brotou. Existem pessoas pensando o amor para além do "amor romântico", como o pastor Henrique Vieira, que destaca a força poderosa do amor para a

Material com direitos autorais

destruição de preconceitos e a construção de uma sociedade mais justa em seu livro *O amor como revolução*, ou como o professor Renato Noguera, especialista em estudos africanos, que se dedica a produzir reflexões sobre o amor e é autor do livro *Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor*. Nesse caminho segue também a pensadora Carla Akotirene que, ancorada nos estudos do feminismo negro e na ancestralidade, discute o papel político das afetividades, inserindo no debate a urgência do combate à violência doméstica. Pesquisadores voltados para a filosofia africana tem (re)construído conhecimentos que dialogam diretamente com o pensamento de bell hooks em sua Trilogia do Amor. Exemplos disso são os trabalhos de Katiúscia Ribeiro e Wanderson Nascimento. Este último tem um artigo escrito em parceria com Vinícius da Silva, com o título "Políticas do amor e sociedades do amanhã". Sendo assim, acredito que as lições de bell hooks sobre o amor, apresentadas em português pela Editora Elefante, servirão para difundir e fortalecer ainda mais essa construção. O futuro é ancestral.

**Silvane Silva** é doutora em história social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com a tese *O protagonismo das mulheres quilombolas na luta por direitos em comunidades do Estado de São Paulo (1988-2018)*. Em 2018, participou do Programa de Incentivo Acadêmico Abdias do Nascimento como pesquisadora visitante no Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade da Flórida, nos Estados Unidos. É co-organizadora do livro *Narrativas quilombolas: dialogar, conhecer, comunicar* (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2017). Atua como professora e

Material com direitos autorais

pesquisadora nas temáticas história e cultura afro-brasileira, educação para relações étnico-raciais e educação escolar quilombola. É pesquisadora do Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora (Cecafro) da PUC-SP e integrante do Grupo de Estudos em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

Material com direitos autorais

Material com direitos autorais

# prefácio

Material com direitos autorais

Quando eu era criança, tinha clareza de que não valia a pena vivier se não conhecêssemos o amor. Quem me dera pudesse dizer que atingi essa consciência por causa do amor que sentia. Foi sua falta, no entanto, que me fez saber quanto ele é importante. Fui a primeira filha do meu pai. Assim que nasci, fui acalentada e tratada com gentileza, de modo a me sentir querida neste mundo e em minha casa. Até hoje não consigo me lembrar do momento em que esse sentimento de ser amada me deixou. Só sei que, um dia, eu já não era preciosa. Aqueles que inicialmente me amavam se afastaram. A ausência de seu reconhecimento e de sua atenção perfurou meu coração e me infligiu uma dor tão profunda que fiquei zonza.

O luto e a tristeza me esmagaram. Eu não sabia o que tinha feito de errado. E, por mais que eu tentasse, não conseguia consertar as coisas. Nenhuma outra relação curou a dor daquele primeiro abandono, daquele primeiro banimento do paraíso do amor. Durante anos vivi uma vida suspensa, presa ao passado, incapaz de seguir em direção ao futuro. Como qualquer criança ferida, só queria voltar no tempo e estar naquele paraíso outra vez, naquele momento de arrebatamento do qual me lembrava, em que me senti amada, em que senti pertencimento.

Nunca podemos voltar. Sei disso agora. Podemos seguir em frente. Podemos encontrar o amor pelo qual nosso coração anseia, mas não antes de nos desapegarmos do luto em relação ao amor perdido há tanto tempo, quando éramos pequenos e não tínhamos voz para expressar os desejos de nosso coração. Olhando para trás, descobri que todos os anos da minha vida em que eu pensava estar em busca do amor foram simplesmente tentativas de recuperar o que havia perdido, voltar ao primeiro lar, regressar ao arrebatamento do primeiro amor. Eu não estava realmente pronta para amar e ser amada no presente. Ainda estava de luto — apegada ao coração partido da meninice, a conexões desfeitas. Quando o luto acabou, fui capaz de amar novamente.

Despertei do meu estado de transe e fiquei atordoada ao descobrir que o mundo em que eu vivia, o mundo do presente, já não era um mundo aberto ao amor. E percebi que tudo o que eu ouvia ao meu redor evidenciava que o desamor tinha se tornado a ordem do dia. Sinto nosso país se afastando do amor com a mesma

Material com direitos autorais

intensidade que senti o abandono do amor na infância. Com esse afastamento, nos arriscamos a penetrar em um quadro de selvageria de espírito tão intensa que talvez jamais encontremos o caminho de volta. Escrevo sobre o amor para dar testemunho do perigo desse movimento e também para convocar um regresso ao amor. Redimido e recuperado, ele nos leva de volta a uma promessa de vida eterna. Quando amamos, podemos deixar nosso coração falar.

Material com direitos autorais

Material com direitos autorais

introdução

# graça: tocada pelo amor

Material com direitos autorais

*É possível falar diretamente com o nosso coração. A maioria das culturas mais antigas sabe disso. Podemos de fato conversar com o nosso coração como se ele fosse um bom amigo. A vida moderna se tornou tão atribulada com os afazeres e pensamentos diários que perdemos essa arte essencial de reservar um tempo para conversar com o nosso coração.*

— Jack Kornfield

Na minha cozinha, estão penduradas quatro fotografias de um grafite que vi pela primeira vez num canteiro de obras, anos atrás, enquanto caminhava para dar aula na Universidade Yale. A frase — "a busca pelo amor continua, mesmo diante das improbabilidades" — estava pintada em cores vivas. Naquela época, recém-separada de um companheiro depois de quase quinze anos juntos, eu era frequentemente soterrada por um luto tão profundo que parecia que um imenso mar de dor carregava meu coração e minha alma. Dominada pela sensação de ser arrastada para debaixo d'água, de me afogar, procurava constantemente âncoras que me mantivessem na superfície, que me puxassem em segurança de volta para a margem. A frase nos tapumes da construção, junto a desenhos infantis de animais não identificáveis, sempre animava meu espírito. Toda vez que eu passava pelo canteiro de obras, a afirmação da possibilidade do amor se espalhando pelo quarteirão me dava esperança.

Assinada com o primeiro nome de um artista local, a pintura falou ao meu coração. Ao ler aquelas palavras, eu tinha certeza de que o artista estava passando por uma crise em sua vida, de que já tinha confrontado a perda ou estava diante de sua possibilidade. Na minha cabeça, mantinha conversas imaginárias com ele a respeito do significado do amor. Eu lhe contava que seu grafite divertido havia me ancorado e me ajudado a restaurar a fé no amor. Falava sobre como a promessa de um amor esperando para ser encontrado, um amor pelo qual eu ainda podia esperar, me erguia do abismo em que tinha caído. Meu luto era uma tristeza pesada e desesperadora, causada pela separação de um companheiro de

Material com direitos autorais

muito anos, mas, o que é mais importante, era um desespero enraizado no medo de que o amor não existisse, de que não pudesse ser encontrado. Ainda que ele estivesse à espreita por aí, talvez jamais o conhecesse em minha vida. Havia se tornado difícil, para mim, continuar acreditando na promessa do amor quando, para qualquer lugar que eu olhasse, o encantamento do poder ou o terror do medo ofuscavam o desejo de amar.

Um dia, a caminho do trabalho, ansiosa pela meditação diária provocada pela visão do grafite, fiquei chocada ao ver que a construtora havia coberto a pintura com uma tinta branca muito brilhante, sob a qual era possível ver os traços esmaecidos da arte original. Chateada com o fato de que aquilo que tinha se tornado um ritual de afirmação da graça do amor já não estava mais lá para me acolher, contei para todo mundo sobre a minha decepção. Alguém espalhou o rumor de que o grafite tinha sido coberto de branco porque as palavras eram uma referência a pessoas vivendo com HIV e de que o artista poderia ser gay. Talvez. É igualmente provável que os homens que espalharam tinta na parede tenham se sentido ameaçados por essa confissão pública do desejo de ser amado — um desejo tão intenso que não apenas precisava ser verbalizado, mas também era deliberadamente buscado.

Depois de muito procurar, localizei o artista e conversei com ele pessoalmente sobre o significado do amor. Falamos sobre a forma como a arte pública pode ser um veículo para compartilhar pensamentos de afirmação da vida. E nós dois expressamos nosso pesar e nossa contrariedade com o fato de a construtora ter coberto insensivelmente uma mensagem de amor tão poderosa. Para que eu me lembrasse dos muros, ele me deu fotografias do grafite. Desde que nos conhecemos, em todos os lugares onde morei, mantive as fotos sobre a pia da cozinha. Todos os dias, quando bebo água ou pego um prato no armário, paro diante desse lembrete de que todos ansiamos por amor — todos o buscamos —, mesmo quando não temos esperança de que ele possa ser de fato encontrado.

•••

Não há muitos debates públicos a respeito do amor em nossa cultura hoje. No máximo, a cultura popular é o domínio em que nosso desejo por amor é mencionado. Filmes, músicas, revistas e

Material com direitos autorais

livros são os locais para os quais nos voltamos para ver expressos nossos anseios amorosos. No entanto, não se trata daquele discurso de afirmação da vida dos anos 1960 e 1970, que nos instava a acreditar que "All You Need Is Love".[1] Atualmente, as mensagens mais populares são as que declaram a insignificância do amor, sua irrelevância. Um exemplo evidente dessa mudança cultural é o tremendo sucesso alcançado pela canção de Tina Turner cujo título declara ousadamente: "What's Love Got to Do With It" [O que o amor tem a ver com isso?]. Fiquei triste e chocada quando entrevistei uma *rapper* bem conhecida, pelo menos vinte anos mais nova que eu e que, perguntada sobre o amor, respondeu com um sarcasmo cortante: "Amor: o que é isso? Nunca tive amor algum na minha vida".

A cultura jovem de hoje é cínica em relação ao amor. E esse cinismo vem do sentimento dominante de que o amor não pode ser encontrado. Em *When All You've Ever Wanted Isn't Enough: The Search for a Life That Matters* [Quando tudo o que você queria não é o bastante: a busca por uma vida que importe], Harold Kushner escreve sobre essa preocupação:

> Temo que estejamos criando uma geração inteira de jovens que crescerão com medo de amar, com medo de se entregar completamente a outra pessoa, porque terão visto quanto dói correr o risco de amar e não dar certo. Temo que eles cresçam procurando intimidade sem risco, prazer sem investimento emocional significativo. Eles terão tanto medo da dor da decepção que renunciarão às possibilidades do amor e da alegria.

Jovens são cínicos em relação ao amor. No fim das contas, o cinismo é uma grande máscara para um coração decepcionado e traído.

Quando viajo pelo país dando palestras sobre como acabar com o racismo e o machismo, o público, especialmente os jovens, fica agitado quando falo sobre o papel do amor em qualquer movimento por justiça social. Todos os grandes movimentos por justiça social de nossa sociedade têm enfatizado fortemente uma ética do amor. No entanto, os jovens continuam relutantes em abraçar a ideia do amor como uma força transformadora. Para eles,

Material com direitos autorais

o amor é para os ingênuos, os fracos, os românticos incorrigíveis. Sua atitude se espelha na dos adultos, aos quais se dirigem pedindo explicações. Como porta-voz de uma geração desiludida, em *Bitch: In Praise of Difficult Women* [Puta: um elogio a mulheres difíceis], Elizabeth Wurtzel afirma: "Nenhuma de nós está ficando melhor em amar, estamos é ficando com mais medo. Para começo de conversa, não nos ensinaram a ser hábeis, e as escolhas que fazemos tendem apenas a reforçar a sensação de que o amor é inútil e sem esperança". Suas palavras ecoam tudo que costumo ouvir de uma geração mais velha a respeito do amor.

Ao falar de amor com pessoas da minha geração, descobri que elas ficavam nervosas ou assustadas, especialmente quando eu comentava que não me sentia amada o suficiente. Em diversas ocasiões em que falei de amor com amigos, eles me aconselharam a fazer terapia. Entendi que alguns poucos estavam simplesmente cansados da minha insistência na questão e achavam que se eu fizesse terapia eles teriam uma folga. No entanto, a maioria ficava apavorada em relação ao que poderia ser revelado em qualquer investigação sobre o significado do amor na vida deles.

Toda vez que uma mulher solteira por volta dos quarenta anos introduz na conversa a questão do amor, vem à tona, repetidamente, a suposição, enraizada no pensamento machista, de que ela está "desesperada" por um homem. Ninguém pensa que ela está apenas intelectualmente interessada no assunto. Ninguém pensa que ela está rigorosamente envolvida numa empreitada filosófica na qual está se aventurando a entender o significado metafísico do amor na vida cotidiana. Não: ela é vista apenas como alguém em busca de uma "atração fatal".

A decepção e uma sensação persistente de coração partido me levaram a começar a pensar mais profundamente no significado do amor em nossa cultura. Meu desejo de encontrar o amor não me fez perder meu senso de razão nem de perspectiva; ele me incentivou a pensar mais, a falar de amor e a pesquisar o tema em textos populares e também em estudos mais sérios. Quando me debrucei sobre obras de não ficção a respeito do amor, me surpreendi ao descobrir que a grande maioria dos livros "reverenciados", aqueles usados como referência, e mesmo dos livros populares de autoajuda, havia sido escrita por homens.

Material com direitos autorais

Durante toda a minha vida, pensei no amor como um tópico que as mulheres contemplam com maior intensidade e vigor que qualquer outra pessoa no planeta. Ainda acredito nisso, embora as elaborações visionárias das mulheres sobre o assunto ainda precisem ser levadas tão a sério quanto os pensamentos e os escritos dos homens. Ainda que eles teorizem sobre o amor, são as mulheres que o praticam com mais frequência. A maioria dos homens sente que recebe amor e, portanto, sabe o que é ser amado; as mulheres geralmente se sentem num estado constante de anseio, querendo amor, mas sem recebê-lo.

Na cartilha *A Little Book on Love: A Wise and Inspiring Guide to Discovering the Gift of Love* [Um pequeno livro sobre o amor: um guia sábio e inspirador para descobrir a dádiva do amor], do filósofo Jacob Needleman, praticamente todas as principais narrativas de amor comentadas foram escritas por homens. Sua lista de referências importantes não inclui livros escritos por mulheres. Das aulas que tive durante o doutorado em literatura, só consigo me lembrar de uma poeta exaltada como uma alta sacerdotisa do amor, Elizabeth Barrett Browning. Contudo, ela era considerada uma poeta menor. Apesar disso, até os estudantes menos ligados à literatura entre nós conheciam o primeiro verso de seu soneto mais famoso: "How do I love thee? Let me count the ways".[2] Isso foi antes do feminismo. Com o despertar do movimento feminista contemporâneo, a poeta grega Safo se tornou outra consagrada deusa do amor.

Naquela época, em qualquer curso de escrita criativa, os poetas que se dedicavam a poemas de amor eram sempre homens. De fato, o companheiro que deixei depois de muitos anos me cortejou inicialmente com um poema de amor. Ele sempre foi emocionalmente indisponível e não se interessava nem um pouco pelo amor como assunto de conversas nem como uma prática do dia a dia, mas acreditava plenamente que tinha algo significativo a dizer a respeito do tema. Já eu pensava que todas as minhas tentativas adultas de escrever poemas de amor eram piegas e patéticas. As palavras me faltavam quando eu tentava escrever sobre amor. Meus pensamentos pareciam sentimentais, tolos e superficiais. Quando escrevia poesia ainda menina, sentia a mesma confiança que, na vida adulta, veria apenas nos escritores homens.

Material com direitos autorais

Quando comecei a escrever poesia, pensava que o amor era o único assunto, a paixão mais importante. O primeiro poema que publiquei, aos doze anos, se chamava "a look at love" [um olhar sobre o amor]. Em algum ponto do caminho, na transformação de menina em mulher, aprendi que fêmeas realmente não tinham nada sério para ensinar ao mundo sobre o amor.

A morte se tornou meu tema. Ninguém ao meu redor, nem professores nem estudantes, duvidava da capacidade de uma mulher de ser séria quando se tratava de pensar e escrever sobre a morte. Todos os poemas de meu primeiro livro estavam ligados à morte e a morrer. Ainda assim, o poema com que abri o livro, "The woman's mourning song" [A canção de luto da mulher], era sobre a perda de alguém amado e a recusa em permitir que a morte destruísse a memória. Contemplar a morte sempre me leva de volta ao amor. Não por acaso, comecei a pensar mais no significado do amor conforme testemunhava a morte de inúmeros amigos, camaradas e conhecidos, muitos deles jovens, partindo de maneira inesperada. Quando me aproximava dos quarenta anos, encarei o câncer, uma ameaça que se tornou um lugar tão comum na vida das mulheres que é praticamente rotineira. Meu primeiro pensamento, enquanto esperava os resultados dos exames, era que eu não estava pronta para morrer porque ainda não tinha encontrado o tipo de amor pelo qual meu coração vinha procurando.

Pouco depois do fim dessa crise, fui acometida por uma doença grave, que pôs minha vida em risco. Confrontando a possibilidade de morrer, fiquei obcecada com o significado do amor na minha vida e na cultura contemporânea. Meu trabalho como crítica cultural me ofereceu a oportunidade constante de prestar atenção minuciosa a tudo que a grande mídia, especialmente filmes e revistas, nos diz a respeito do amor. Na maior parte dos casos, ela nos diz que todo mundo quer amor, mas que continuamos totalmente confusos em relação à sua prática na vida cotidiana. Na cultura popular, o amor sempre é da ordem da fantasia. Talvez seja por isso que os homens tenham produzido a maioria das teorias acerca do amor. A fantasia tem sido em grande parte domínio deles, tanto na esfera da produção cultural quanto no dia a dia. A fantasia masculina é vista como algo capaz de criar realidade, enquanto a fantasia feminina é tratada como puro escapismo. Portanto, o

Material com direitos autorais

romance, como gênero literário, é o único domínio em que as mulheres falam de amor com algum grau de autoridade. Entretanto, quando os homens se apropriam do gênero das narrativas românticas, suas obras são muito mais reconhecidas que a escrita das mulheres. Um livro como *As pontes de Madison*[3] é o exemplo supremo. Se essa história de amor sentimental e superficial (que, apesar disso, tem seus momentos altos) tivesse sido escrita por uma mulher, seria improvável que ela se tornasse um sucesso tão grande, cruzando todas as fronteiras do gênero literário.

É claro que são as mulheres as principais consumidoras de livros sobre o amor. Ainda assim, o machismo sozinho não explica a ausência de mais obras de e sobre o amor escritas por mulheres. Aparentemente, as mulheres estão dispostas e ansiosas a ouvir o que os homens têm a dizer sobre o amor. Mulheres machistas podem achar que já sabem o que outra mulher diria. Esse tipo de leitora pode ter a sensação de que tem mais a ganhar lendo o que homens têm a dizer.

Quando eu era mais nova, lia sobre o amor e nunca pensava a respeito do gênero do autor. Ansiosa para compreender o que queremos dizer quando falamos de amor, não considerava de fato o quanto o gênero molda a perspectiva do escritor. Foi apenas quando comecei a pensar seriamente sobre o tema do amor e a escrever sobre isso que ponderei se mulheres o fazem de forma diferente dos homens.

Ao revisar a bibliografia sobre o amor, percebi que poucos escritores, sejam homens ou mulheres, falam do impacto do patriarcado, da forma como a dominação masculina sobre mulheres e crianças é uma barreira para o amor. *A criação do amor: a grande etapa do crescimento*, de John Bradshaw, é um dos meus livros favoritos sobre o tema. Ele corajosamente tenta estabelecer uma relação entre a dominação masculina (a institucionalização do patriarcado) e a falta de amor nas famílias. Conhecido por chamar a atenção em sua obra para a "criança interior", Bradshaw acredita que acabar com o patriarcado é um passo em direção ao amor. Entretanto, seu livro a respeito do amor nunca recebeu a atenção e o reconhecimento merecidos. Ele não teve a repercussão das obras

Material com direitos autorais

de homens que escrevem sobre o assunto reafirmando papéis de gênero machistas.

Mudanças profundas na forma como pensamos e agimos precisam acontecer se quisermos criar uma cultura baseada no amor. Homens que escrevem sobre o amor sempre atestam que foram amados. Eles falam a partir desse lugar, isso lhes confere autoridade. Mulheres, com frequência, falam de um lugar de falta, de não terem recebido o amor que desejavam.

Uma mulher que fala de amor é suspeita. Talvez isso ocorra porque tudo que uma mulher esclarecida teria a dizer sobre o amor representaria uma ameaça direta e um desafio às visões que nos foram oferecidas pelos homens. Aprecio o que os escritores homens têm a dizer sobre o amor. Gosto de Rumi e de Rilke, poetas que nos comovem com suas palavras. Homens geralmente escrevem a respeito do amor recorrendo à fantasia, ao que eles imaginam ser possível, e não ao que sabem concretamente. Nós agora temos ciência de que Rilke não escreveu em consonância com o que viveu, de que tantas palavras de amor que nos foram oferecidas por grandes homens falham quando encaramos a realidade. E ainda que a obra de John Gray me desconcerte e me irrite, confesso que li e reli *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*. Contudo, assim como muitos homens e mulheres, quero saber o significado do amor além do reino da fantasia — além do que imaginamos que possa acontecer. Quero conhecer as verdades do amor conforme as vivemos.

Quase todos os livros recentes e populares de autoajuda sobre o amor escritos por homens, títulos como *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus* e *Love and Awakening: Discovering the Sacred Path of Intimate Relationship* [Amor e despertar: descobrindo o caminho sagrado da relação íntima], de John Welwood, se apoiam em perspectivas feministas sobre os papéis de gênero. No entanto, em última análise, os autores continuam apegados a um sistema de crenças que sugere a existência de diferenças intrínsecas entre homens e mulheres. Na realidade, todas as evidências concretas indicam que, embora as perspectivas de homens e mulheres frequentemente difiram, tais diferenças são aprendidas, e não inatas ou "naturais". Se fosse verdadeira a ideia de que homens e mulheres são complemente opostos, habitando universos

Material com direitos autorais

emocionais totalmente diferentes, os homens jamais teriam se tornado as autoridades máximas no amor. Levando em conta os estereótipos de gênero que atribuem às mulheres o papel dos sentimentos e da emotividade, e aos homens o da razão e da não emoção, "homens de verdade" teriam aversão a qualquer conversa a respeito do amor.

Embora sejam considerados "autoridades" no assunto, apenas alguns homens falam abertamente, dizendo ao mundo o que pensam em relação ao amor. No dia a dia, homens e mulheres são relativamente silenciosos quanto ao tema. Nosso silêncio nos protege da incerteza. Queremos conhecer o amor. E temos medo de que o desejo de saber muito sobre ele nos aproxime cada vez mais do abismo do desamor. Embora vivamos numa nação cuja grande maioria dos cidadãos se declara seguidora de credos religiosos que proclamam o poder transformador do amor, muitas pessoas sentem que não fazem a menor ideia de como amar. E praticamente todos sofrem uma crise de fé quando se trata de vivenciar no cotidiano as teorias bíblicas sobre a arte de amar. É bem mais fácil falar de perda do que de amor. É mais fácil articular a dor da ausência do amor que descrever sua presença e seu significado em nossa vida.

Ensinados a acreditar que o lugar do aprendizado é a mente, e não o coração, muitos de nós pensamos que o ato de falar de amor com qualquer intensidade emocional será percebido como fraqueza e irracionalidade. E é especialmente difícil falar de amor quando o que temos a dizer chama a atenção para o fato de que sua falta é mais comum que sua presença, para o fato de que muitos de nós não temos certeza do que estamos dizendo quando falamos de amor ou de como expressá-lo.

Todo mundo quer saber mais sobre o amor. Queremos saber o que significa amar, o que podemos fazer em nosso dia a dia para amarmos e sermos amados. Queremos saber como seduzir aqueles que continuam fiéis à falta de amor e abrir as portas de seu coração para que deixem o amor entrar. A força de nosso desejo não muda o poder de nossa incerteza cultural. Em todos os lugares aprendemos que o amor é importante, mas somos bombardeados por seu fracasso. No domínio da política, entre religiosos, em nossas famílias e em nossa vida afetiva, vemos poucos indícios de

Material com direitos autorais

que o amor serve de base para decisões, fortalece nosso entendimento da comunidade ou nos mantém juntos. Essa imagem desoladora não altera, de modo algum, a natureza de nosso desejo. Nós ainda temos esperança de que o amor prevalecerá. Nós ainda acreditamos na promessa do amor.

Assim como o grafite proclamava, nossa esperança reside no fato de que muitos de nós continuamos a acreditar no poder do amor. Acreditamos que é importante conhecer o amor. Acreditamos que é importante buscar as verdades do amor. Em inúmeras conversas privadas e debates públicos, dei e ouvi testemunhos sobre o crescente desamor em nossa cultura e sobre o medo que isso desperta no coração de todos. Esse desespero em relação ao amor faz par com o cinismo indiferente que fecha a cara diante de qualquer sugestão de que o amor seja tão importante quanto o trabalho, tão fundamental para a nossa sobrevivência como nação quanto o ímpeto de ter sucesso. Incrivelmente, nosso país, como nenhum outro no mundo, possui uma cultura movida pela busca do amor (esse é o tema de nossos filmes, de nossa música, de nossa literatura), ainda que nos ofereça tão pouca oportunidade de compreender o significado do amor ou de saber como torná-lo real em nossas palavras e ações.

Nosso país é igualmente movido pela obsessão sexual. Não há aspecto da sexualidade que não seja estudado, comentado ou demonstrado. Há tutoriais para todas as dimensões da sexualidade, até para a masturbação. No entanto, não existem escolas para o amor. Todo mundo supõe que saberemos, instintivamente, como amar. Apesar de esmagadoras evidências contrárias, ainda aceitamos que a família é a escola primordial para o amor. Daqueles de nós que não aprendem como amar em família, espera-se que experimentem o amor em relações românticas. Contudo, esse amor geralmente nos escapa. E passamos a vida inteira desfazendo os danos causados pela crueldade, pela negligência e por todas as formas de desamor que vivenciamos em nossa família de origem e em relacionamentos nos quais simplesmente não sabíamos o que fazer.

Só o amor pode curar as feridas do passado. Entretanto, a intensidade de nossos ferimentos frequentemente nos leva a fechar nosso coração, tornando impossível retribuirmos ou recebermos o

Material com direitos autorais

amor que nos é dado. Para abrirmos nosso coração mais plenamente para o poder e a graça do amor, devemos ousar reconhecer quão pouco sabemos sobre ele na teoria e na prática. Devemos encarar a confusão e a decepção em relação ao fato de que muito do que nos foi ensinado a respeito da natureza do amor não faz sentido quando aplicado à vida cotidiana. Observando a prática do amor no dia a dia, pensando em como amamos e no que é necessário para que a nossa cultura se torne uma cultura em que a presença sagrada do amor possa ser sentida em todo lugar, escrevi esta reflexão.

Como o título *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* indica, queremos viver numa cultura em que o amor possa florescer. Ansiamos por acabar com o desamor, tão prevalente em nossa sociedade. Este livro nos diz como regressar ao amor. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* oferece formas novas e radicais de pensar a arte de amar, apresentando uma perspectiva esperançosa e alegre sobre o poder transformador do amor. Ele nos permite saber o que precisamos para amar de novo. Reunindo a sabedoria do amor, ele nos possibilita saber o que devemos fazer para sermos tocados por sua graça.

1. Título de uma celebrada canção dos Beatles. Em tradução livre: "O amor é tudo de que você precisa". [N.T.]

2. Em tradução livre: "Como te amo? Deixa-me contar as maneiras". Este é o verso de abertura do "Soneto 43", que foi traduzido para o português por Manuel Bandeira; no entanto, a versão do poeta desconsidera os primeiros versos para manter a métrica em português. [N.T.]

3. Romance de Robert James Waller, adaptado para o cinema em 1995 com roteiro de Richard LaGravenese e direção de Clint Eastwood. [N.T.]

Material com direitos autorais

Material com direitos autorais

# 01.
# clareza:
# por o amor
# em palavras

Material com direitos autorais

*Enquanto sociedade, nos sentimos constrangidos pelo amor. O tratamos como se fosse uma obscenidade. Relutamos em admiti-lo. Apenas dizer a palavra nos faz tropeçar e corar.* [...] *O amor é a coisa mais importante em nossa vida, uma paixão pela qual lutaríamos ou morreríamos, e, contudo, ainda hesitamos em insistir em seu nome. Sem um vocabulário maleável, nem sequer podemos falar ou pensar a seu respeito diretamente.*

— Diane Ackerman

Os homens em minha vida sempre foram cautelosos em relação a usar a palavra "amor" levianamente. São precavidos porque acreditam que as mulheres dão importância demais ao amor. E sabem que o que nós pensamos sobre o significado do amor nem sempre é o que eles pensam. Nossa confusão em relação ao que queremos dizer quando usamos a palavra "amor" é a origem de nossa dificuldade de amar. Se nossa sociedade tivesse um entendimento estabelecido quanto ao significado do amor, o ato de amar não seria tão confuso. As definições de amor nos dicionários tendem a enfatizar o amor romântico, definindo-o primeiro e principalmente como "afeição profundamente terna e apaixonada por outra pessoa, especialmente quando há atração sexual". É claro que outras definições informam o leitor que tais sentimentos podem existir em um contexto não sexual. Entretanto, afeição profunda não descreve de forma realmente adequada o significado do amor.

A grande maioria dos livros sobre o amor se esforça para se esquivar de definições claras. Na introdução de *Uma história natural do amor*, Diane Ackerman declara: "O amor é o grande intangível". Algumas linhas depois, ela sugere: "Todo mundo admite que o amor é maravilhoso e necessário, mas ninguém consegue concordar a respeito de sua definição". Timidamente, acrescenta: "Usamos a palavra amor de um jeito tão desleixado que ela pode significar quase nada ou absolutamente tudo". Seu livro não traz qualquer definição que ajude alguém que queira aprender

Material com direitos autorais

a arte de amar. Contudo, ela não é a única a escrever sobre o amor de forma a turvar o entendimento. Quando o próprio significado da palavra é coberto de mistério, não surpreende o fato de que a maioria das pessoas considere difícil definir a que elas se referem quando usam a palavra "amor".

Imagine quão mais fácil seria aprender como amar se começássemos com uma definição partilhada. A palavra "amor" é um substantivo, mas a maioria dos mais perspicazes teóricos dedicados ao tema reconhece que todos amaríamos melhor se pensássemos o amor como uma ação.[4] Passei anos procurando alguma definição significativa da palavra "amor" e fiquei profundamente aliviada quando encontrei uma no clássico de autoajuda do psiquiatra M. Scott Peck, *A trilha menos percorrida: uma nova visão da psicologia sobre o amor, os valores tradicionais e o crescimento espiritual*, publicado originalmente em 1978. Reverberando o trabalho de Erich Fromm, ele define o amor como "a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa". Para desenvolver a explicação, ele continua: "O amor é o que o amor faz. Amar é um ato da vontade — isto é, tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar". Uma vez que a escolha deve ser feita para alimentar o crescimento, essa definição se opõe à hipótese mais amplamente aceita de que amamos instintivamente.

Todo mundo que tenha testemunhado o processo de crescimento de uma criança desde o nascimento vê claramente que, antes de conhecer a linguagem, antes de reconhecer a identidade dos cuidadores, bebês reagem ao cuidado afetuoso. Em geral, eles respondem com sons e olhares de prazer. Conforme crescem, reagem aos cuidados carinhosos retribuindo afeto, emitindo sons guturais diante da bem-vinda aparição de um cuidador. A afeição é apenas um dos ingredientes do amor. Para amar verdadeiramente, devemos aprender a misturar vários ingredientes — carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta. Aprender definições falhas de amor quando somos bem jovens torna difícil sermos amorosos quando amadurecemos. Começamos comprometidos com o caminho certo, mas seguimos

Material com direitos autorais



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

© Editora Elefante, 2021
© Gloria Watkins, 2021

Primeira edição, janeiro de 2021
São Paulo, Brasil

Título original:
All About Love: New Visions, bell hooks
© All rights reserved, 2000

Authorized translation from the English language edition published by Harper Perennial, a member of the HarperCollins Group llc.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB – 8/7057

---

hooks, bell, 1952-

Tudo sobre o amor: novas perspectivas / bell hooks; tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

Título original: All about Love

ISBN 978-65-87235-30-1

1. Amor 2. Amor - Aspectos sociais 3. Ética 4. Ética feminista I. Título II. Borges, Stephanie

20-4663

CDD 306.7

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Amor: Aspectos éticos e sociais

**EDITORA ELEFANTE**

editoraelefante.com.br

editoraelefante@gmail.com

fb.com/editoraelefante

Material com direitos autorais



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.